

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O DESCONSTRUTIVISMO NA GEOGRAFIA

Com o surgimento de temáticas tidas como transversais na ciência geográfica, como por exemplo o feminismo, surge também a necessidade de trabalhar metodologias que criem possibilidades do pesquisador dar visibilidade a grupos focais específicos. Como proposta metodológica, o presente trabalho pretende realizar algumas reflexões sobre a perspectiva pós-estruturalista do espaço geográfico, desconstruindo e interpretando processos espaciais obscuros pela ciência geográfica. O trabalho compõe uma gama de trabalhos desenvolvido pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE) que visa dar visibilidade a sujeitos periféricos nos discursos geográficos. Com isso, pretendemos no presente trabalho, realizar discussão sobre metodologia pós-estruturalista afim de trazer a visibilidade discursos dos adolescentes em conflito com a lei na ciência geográfica.

Palavras-chave: Espaço, Pós-Estruturalismo, Adolescentes, Lei.

Abstract:

SOME THOUGHTS ON THE GEOGRAPHY DECONSTRUCT

With the emergence of issues considered in cross geographical science, such as feminism, is also the need of working methods that create opportunities for researchers to give visibility to specific focus groups. As a methodological proposal, this paper seeks to do some reflection on post-structuralist perspective of geographic space, deconstructing and interpreting spatial processes obscure geographical science. The work comprises a range of work developed by the Group of Territory Studies (GETE) that aims to give visibility to peripheral subject in speeches geography. There fore, we in this work, hold discussions on post-structuralist methodology in order to bring visibility discourse of adolescents in conflict with the law in geographical science.

Keywords: Space, Post-Structuralism, Adolescents, Law

Introdução

Esta análise se constrói através de reflexões compartilhadas no Grupo de Estudos Territoriais (GETE) que vem problematizando a relação entre espaço, gênero e grupos sociais ausentes do discurso do saber científico geográfico. Juntamente com discussões provindas da disciplina de Epistemologia do programa de mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa, trazemos o presente trabalho como forma de reflexão teórica e metodológica afim de contribuir com o projeto de dissertação: “O espaço geográfico na composição das vulnerabilidades dos adolescentes em conflito com a lei na cidade de Ponta Grossa-PR”. O presente texto está dividido em duas partes. Na primeira é realizado um balanço entre as perspectivas estruturalistas e pós-estruturalistas na análise espacial, utilizando a referida pesquisa como mediação da discussão. Na segunda, apresentamos as tendências metodológicas que dão sentido aos objetivos de pesquisa que almejamos atingir durante a construção da dissertação de mestrado.

Espaço e método: entre a perspectiva estruturalista e a pós-estruturalista

A análise estruturalista é a base da produção científica mais expressiva do século XX. Ela prima por contemplar a relação entre processos universais e particulares pautada pela objetividade e privilegia os elementos que constituem uma essência irreduzível capaz de ser encontrada em todas as partes componentes de um todo social entendido como um sistema integrado. Cada parte deste sistema é compreendida por suas relações com outras partes e tais relações compõe aquilo que se denomina estrutura. Na Geografia brasileira, um dos mais célebres cientistas, Milton Santos, carrega as fortes marcas da influência estruturalista em suas concepções de espaço. Para ele e muitos de seus seguidores, as relações espaciais são de natureza social, tendo como matriz a sociedade de classes e seus processos, expressos por fixos e fluxos.

Santos (1985) chega a explicitar um método de análise do espaço, criando categorias de análise não hierarquizantes – estrutura, processo, função e forma. A estrutura é o que já nos é dado quando nascemos,

tem relação com a natureza social e econômica e é a matriz onde as formas e funções aparecem. O processo é uma ação que se realiza de modo contínuo, flui implicando em tempo e mudança, resultam das contradições internas da sociedade. A função é uma tarefa ou um papel definido ao objeto, por exemplo, casa – morar, rua – deslocar-se, fábrica – produzir. A forma é o aspecto exterior dos objetos, de forma isolada é a aparência, no seu conjunto são as interações formando padrões espaciais. Esse autor alude à necessidade de se pensar o espaço enquanto totalidade em movimento constante. Nenhuma categoria pode ser compreendida por si mesma, sem as relações com as demais, ou seja, são eternamente interdependentes e a transformação de uma delas gera, simultaneamente, uma mudança nas demais e no conteúdo de suas relações.

Santos (2001), ao discutir a lógica da desigualdade espacial contemporânea, argumenta que qualquer classificação deve levar em consideração a compreensão da dinâmica de cada parcela na sua relação com a dinâmica geral do território. Assim, propõe a discussão de situações como 'espaços que mandam e espaços que obedecem'. Em suas análises, o autor acentua a interdependência entre a sociedade e o espaço, afirmando que não há autonomia dessas categorias. Segundo ele, o espaço é:

como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ação, consideração indispensável para não se atribuir valor absoluto à metáfora. Tomando essa cautela, pode-se dizer que há espaços que comandam e espaços que obedecem, mas o comando e a obediência resultam de um conjunto de condições, e não de uma delas isoladamente (SANTOS, 2001, p. 265).

O espaço e a sociedade são indissociáveis na teoria geográfica. Santos (1996, p. 117) argumenta que “não há evento sem ator. Não há evento sem sujeito”. Contudo, o sujeito compreendido pelo autor é mais um elemento em relação que constitui a estrutura.

Freitag (2006) ao analisar a obra “o espaço dividido” de Milton Santos, afirma que o espaço urbano é dividido em dois circuitos, sendo: o circuito superior fruto da modernização tecnológica e vinculada à grupos elitizados através de uma economia formal; o circuito inferior, por sua vez, reservado para as populações pobres, está vinculado a estratégias informais econômicas ligadas a sobrevivência dos mesmos. Na manutenção do circuito superior, as elites tendem a expropriar a *mais valia* através da mão de obra da população localizada no circuito inferior. Aqueles que não estão ligados aos meios de produção, naturalmente estão excluídos do consumo capitalista. A estes, o sistema de capital destina as periferias pobres das áreas urbanas.

As periferias pobres de Ponta Grossa compõem o universo de vida dos adolescentes que protagonizam os boletins de ocorrências da delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos (2007). Os dados coletados para esta pesquisa demonstram que 97% dos adolescentes em conflito com a lei são moradores de áreas periféricas e provenientes de famílias de baixa renda. Graciani (1999) alega que a situação de marginalidade sócio-econômica é a causa da periferização, da vulnerabilidade, da criminalização de muitos adolescentes. Esta autora utiliza a exclusão econômica do sistema capitalista como responsável por estruturar a situação de atos infracionais.

A periferia pobre de onde os adolescentes foco desta pesquisa provém, é naturalmente associada a um espaço construído historicamente a partir de lutas de classes, conforme explicam Moraes e Costa (1984) ao defenderem o materialismo histórico e dialético como pilar metodológico. Para Lefebvre, conforme explica Godoy (2004), é no espaço que as relações capitalistas se reproduzem e se localizam com todas as suas manifestações de conflitos e contradições. Enquanto campo de lutas entre classes, o espaço acaba reproduzindo estruturalmente a produção binária da *mais valia* para uma classe rica e ao mesmo tempo a exclusão social para uma classe pobre. Conforme estes adolescentes provém de áreas periféricas com baixa renda, então sua exclusão econômico-espacial vem a contribuir para suas marginalizações, explica Feffermann (2006).

Corrêa (1993) nos lembra que o espaço urbano não é apenas sua aparência física, mas produto e condição das relações sociais e segundo estas perspectivas de análise sob o viés estruturalista cria-se uma compreensão dos adolescentes em conflito com a lei como vítimas ou simples produtos da sociedade capitalista desigual e injusta e nesse sentido, os adolescentes são uma consequência do sistema, ou da estrutura em que vivemos.

A perspectiva pós-estruturalista no final do século XX emerge como crítica ao estruturalismo que retirava a carga criativa e de autonomia dos sujeitos sociais na produção da realidade. Na Geografia é expressivo o movimento da Nova Geografia Cultural que alega não haver uma “super-estrutura” capaz de determinar as vidas humanas. A cultura é algo que perpassa os seres humanos e são eles em seu cotidiano

que lhe dão existência concreta, conforme pode ser visto em Cosgrove (2004). Enquanto singularidades assumimos uma relativização de valores, pois “a cultura não é uma realidade global: é um conjunto diversificado ao infinito e em constante evolução” (CLAVAL, 1999, p.64).

Conforme apontado anteriormente, os adolescentes que cometem infrações provêm de periferias pobres do município de Ponta Grossa-PR, porém nem todos os adolescentes que se encontram nestas periferias cometem também os mesmos atos infracionais. Assim como adolescentes de baixa renda de diferentes cidades do mundo, vivendo precariedades econômicas iguais, não necessariamente têm o mesmo comportamento infracional. Isso porque os valores simbólicos construídos pelas culturas singulares locais devem ser considerados, já que todos estamos inseridos em universos culturais distintos até mesmo dentro de uma mesma comunidade local. Na perspectiva cultural, o que pode vir a levar os adolescentes a cometerem atos infracionais são diversos motivos, podendo ir desde problemas familiares até discriminação estigmática perante a sua comunidade e/ou grupo.

Para Silva (2000):

As relações sociais que produzem o espaço urbano não resultam apenas em formas materiais e funcionais que sustentam o processo de produção capitalista. Elas também são marcadas pelos códigos e símbolos que se constroem na vida cotidiana e que estabelecem um sentido particular no processo de produção da cidade. (p. 1)

Conforme explica Claval (1999), cada indivíduo possui um sistema cultural próprio. Este sistema adquire valores e constantemente se re-estrutura com o passar de suas vidas. Com isso reconhece o sujeito como portador de características (singularidades) próprias, não obedecendo unicamente a uma estrutura racional central. Enquanto portadores de singularidades, os adolescentes vem a contribuir na produção do espaço onde vivem e ao mesmo tempo são influenciados por valores provindos destes mesmo espaço de convivência. No projeto 'Apoio Familiar aos Adolescentes Egressos do Sistema Socioeducativo de Ponta Grossa-PR'¹ (AFAESS-PG), dados levantados no Programa Municipal de Medidas Socioeducacionais em Meio Aberto (PEMSE) mostram que aproximadamente 30% dos adolescentes que passaram por medidas socioeducativas, ao retornarem para os ambientes onde vivem acabam cometendo outro ato infracional e voltam a cumprir tais medidas. A reincidência envolve as relações sociais que são vivenciadas a partir das espacialidades desenvolvidas por estes adolescentes e nesse sentido, o espaço geográfico é uma instância a ser considerada no processo de reinserção dos jovens na sociedade.

O que cabe, então, é reconhecer particularidades (religiosas, estéticas etc) e em torno delas dialogar, sem negar-lhes legitimidade apriorística e indistintamente, mas, contudo, sem ceder às tentações da paternalização no estilo ingênuo-idiótico de um 'elogio do lirismo da pobreza', como às vezes fazem certos intelectuais de classe média, dando vazão, sem o saberem muito bem, a um misto de demagogia e consciência pesada. (SOUZA, 2006, p.379)

Os limites das verdades científicas e a emergência de conhecimentos não hegemônicos do discurso científico.

Na perspectiva estruturalista o espaço é concebido como se houvesse uma super-estrutura capitalista definindo relações. É visto enquanto uma super-estrutura única e cartesiana, bi-dimensional, sem visibilidade transversal das pluralidades temáticas que ultrapassam os sujeitos. Jacques Derrida, segundo Barbosa e Borges (2003), explica que o estruturalismo afirma a existência de uma estrutura como aquelas ligas metálicas feitas em prédios antes de colocar os tijolos. Segundo o autor, quando definem uma estrutura central, racional, o estruturalismo acaba influenciando na teoria com o etnocentrismo e com o logocentrismo, ou seja, com valores *outsider's* imposto como verdade suprema na explicação de determinada teoria. Este centro racional que o estruturalismo cria vem a ser seu maior malefício.

A divisão da sociedade em classes econômicas, conforme seguem os marxistas ontológicos, a procura

1 Projeto financiado pela SETI através do programa Universidade Sem Fronteiras, 2007-2008, coordenado pela profª. Cleide Lavoratti do Depto de Serviço Social - UEPG.

de explicações tidas como verdades supremas, afeta gravemente a possibilidade de se reconhecer a existência de outros fatores e conhecimentos como possíveis interventores de causalidades.

Massey (2008) aponta que o estruturalismo sempre relegou o tempo da estrutura do espaço, congelando-o, tentando manter o mundo parado e assim fatia-lo para uma teorização. Para a autora, o estruturalismo, por mais que venha a reconhecer a dialética no espaço, congela o espaço, fatia-o e estrutura argumentativamente uma ordem racional bidimensional. Porém a autora questiona que esta forma de compreender o espaço o priva de qualquer forma de mudança, mantendo estáticos os conceitos e as teorias. Outro questionamento da autora é que a forma da estrutura do estruturalismo é fechado para mudanças. Este fechamento é amparado pela racionalidade científica que acaba por eleger os métodos racionais como cernes logocêntricos.

Nietzsche (2006) foi um dos primeiros a questionar a racionalidade moral, tornando-se um dos primeiros a demonstrar o niilismo moral seguido por grande parte da sociedade europeia. A moral é veemente questionada pelo autor ao compara-la como a domesticização do pensamento humano. Quando a estruturalidade é definida por uma razão tida como suprema, esta acaba elegendo a moralidade afim de moldar, de domesticar qualquer forma de pensamento distinto que venha a contrapor sua vontade de poder. Nesta perspectiva a razão tida como científica vem a ser o novo ídolo niilista da modernidade. Com isso novos 'ídolos' foram eleitos na modernidade e a ciência assume o controle metafísico que o cristianismo detinha da idade média na Europa. O ídolo ciência moderna ressignifica a moralidade substituindo-a pela racionalidade metodológica. A ciência moderna como novo ídolo, como portadora da "verdade", elege a razão, o método científico, como remédio para domesticar, para solucionar os problemas, para tornar a humanidade "melhor".

Couto (1999) evidencia que Paul Feyerabend segue uma linha de renovação metodológica e transcreve sua visão sobre o apego demasiado nas teorias já consagradas, dizendo que

não se devem descartar propostas inovadoras de compreensão da realidade, sob o risco de repetições teóricas monótonas e infundáveis. Tais propostas renovadoras devem, entretanto, vir acompanhadas dos resultados das experimentações e observações existentes. Feyerabend (1988a), na linha de renovação metodológica, afirma que em ciência '*tudo vale*'. Para ele, na verdade, não existe uma entidade monolítica chamada a "ciência", sendo impossível uma "teoria da ciência" ou mesmo um 'método científico'. (COUTO, p.2, 1999)

Com esta premissa, abre campo para novas idéias fecundar o campo científico. Enquanto reconhece um pilar central racional, o que Feyerabend vem a propor pode abalar com estas estruturas e abre campo para que a ciência não se prenda a idéias centralizadoras, abrindo possibilidade para novas formas de conhecimentos, novas oportunidades de evoluir, enquanto ciência. Feyerabend (*id.*) ironiza quando afirma que a razão pura serve unicamente para vítimas temerosas ou ambiciosas, seguidoras de mitos ou para fracos seguidores de tiranos que não os questionam por medo de serem retalhados ou mortos, no caso da ciência moderna serem exclusivos e exilados do campo acadêmico científico.

Acho interessante a colocação de Couto (*ibid.*) a respeito da criação de novos métodos por pesquisadores iniciantes. Para este autor:

é muito mais fácil para os pesquisadores de uma determinada área criar novos pressupostos ou elaborar críticas para os conhecimentos nos quais são especialistas. Ocorre, porém, que nem sempre as inovações surgem de pesquisas desses especialistas. Idéias novas surgem, muitas vezes, em campos diferentes, ou são elaboradas por pessoas que estão ingressando na área pela primeira vez. Essas, por não estarem moldadas pelo pensamento oficial, podem ter, se forem suficientemente geniais e ousadas, um outro enfoque dos problemas e das questões em debate, elaborando esquemas divergentes de análise. Quanto maior a pluralidade de esquemas teóricos explicativos plausíveis, maior liberdade terá o cientista para trabalhar os objetivos que tem em vista. (p.9)

Apesar disso, devemos destacar que Feyerabend não descarta todas as regras e critérios, muito pelo contrário, propõe o uso das regras e critérios, porém ou com mudanças ou assimilando e abrindo campo com novas formas de conhecimento deixando a ciência sem seu caráter unitário racionalista. Isso vem a contribuir fortemente com a desestabilização da razão estruturalista.

O pós-estruturalismo, segundo Massey (2008), vem a abrir a temporalidade a espacialidade, abalando o estruturalismo e assim mostrando novas vozes. Com isso as estruturas foram abertas tornando possível a política, que destrona a bidimensionalidade logocêntrica e dá lugar às pluralidades. O espaço geográfico pós-

estruturalista, deixa de existir pilares centrais racionais, como um sistema de capital que rege toda a vida, e surgem pluralidades, como as particularidades culturais do espaço de cada adolescente e suas estruturas simbólicas singulares construídas, é claro, junto a seu grupo cultural.

Barbosa e Borges (2003) argumentam que o pós-estruturalismo sustenta o desconstrutivismo de Jacques Derrida. Para os autores, o desconstrutivismo vem a ser o avesso dos sistemas racionais, procurando derrubá-los e reconstruir com novos moldes de acordo com as novas circunstâncias. Com isso tentam retirar o caráter desumanizado do estruturalismo e abrir para possibilidade de humanizar com uma pluralidade de novas possibilidades.

A diferença (*différance*) de Jacques Derrida, conforme explica Massey (2008), é a premissa básica para compreender o espaço na desconstrução. Reconhecendo enquanto instância singular de diferentes grupos, como os que os adolescentes em conflito com a lei pertencem, percebemos o espaço como pluralidade, e com isso sua desconstrução pode vir a ser tranquilamente possível pela ciência. Para a autora, a posição e a localização são ordens mínimas para o diferimento da multiplicidade no espaço geográfico. Massey (*id.*) argumenta que Derrida

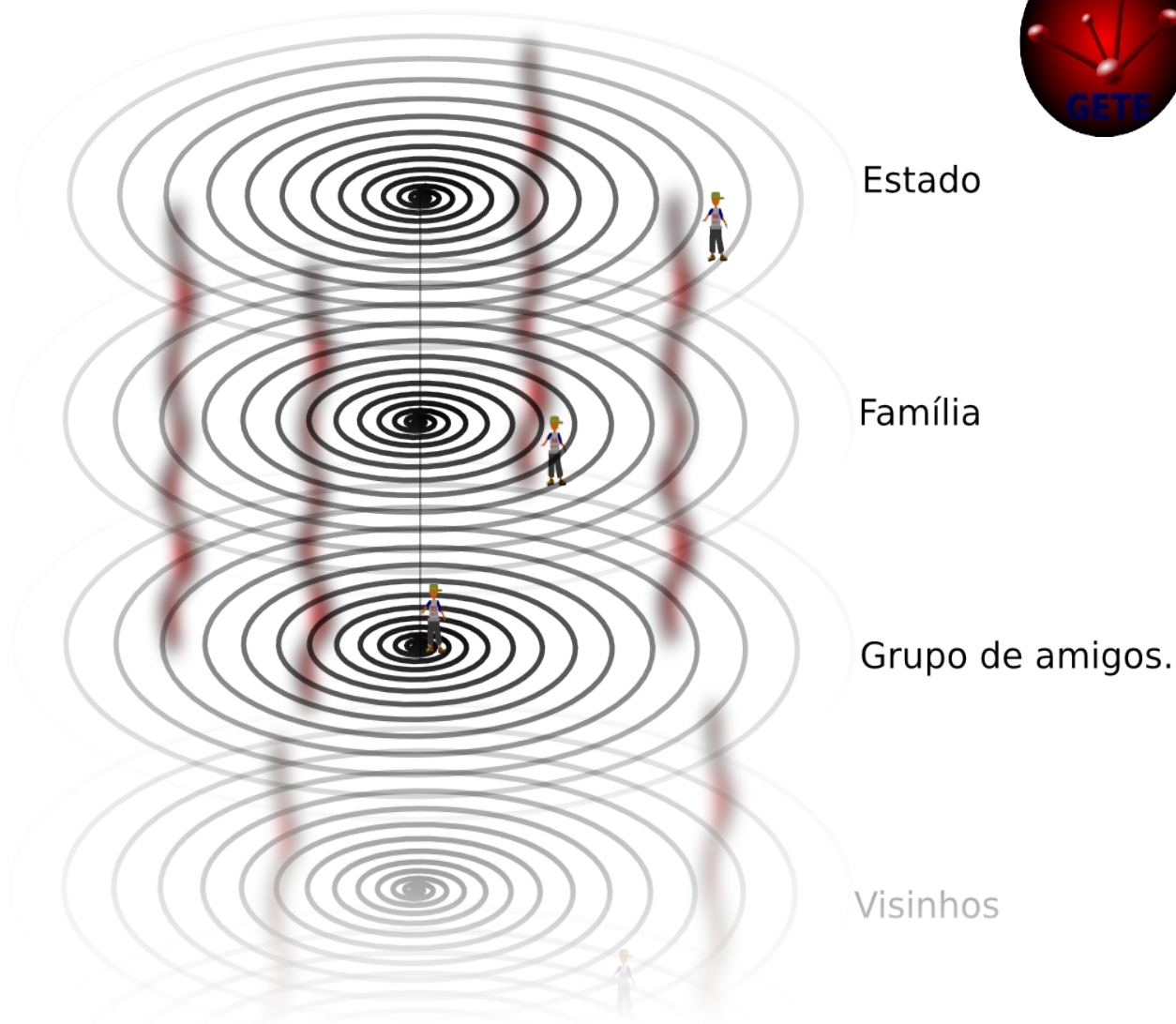
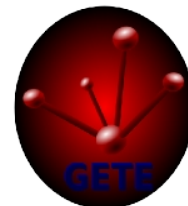
defende que é precisamente a eventualidade do espaço, da espacialização, que desconstrói todas as hipotéticas totalidades. Meu argumento é, mais propriamente, que o pós-estruturalismo poderia, muito comodamente, ser espacial.” (p.82)

Isto porque reconhecemos que não existe uma estrutura central regendo a produção do espaço, mas plurais grupos com valores diferentes e relacionais ao mesmo tempo, vem produzindo e dando forma as dinâmicas da espacialização. Segundo Massey (*ibid.*), a desconstrução vem desde sua origem preocupando-se com os discursos e a escritura, porém “mesmo que não haja discurso, o efeito da espacialização já implica uma textualização”(p.82). Assumindo que textos são como o mundo, esta autora abre a possibilidade para desconstruir através da diferença qualquer forma de coerência racionalista determinada na espacialização.

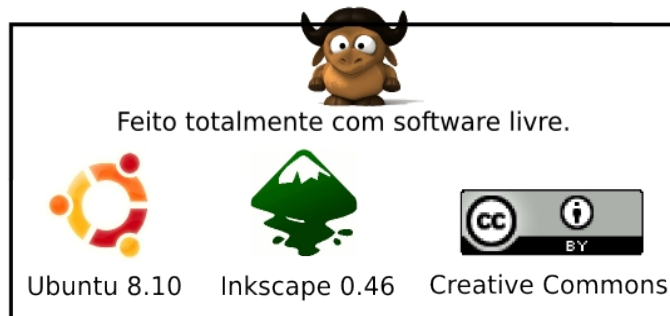
Na geografia quem vem mais trabalhando o pós-estruturalismo são teóricas feministas da Geografia Renovada. Massey, assim como Linda McDowell, Gillian Rose, dentre outras não menos importantes, vem trabalhando num esforço de reconhecer pluralidades espaciais transversais na sociedade. Destacamos o trabalho de Rose (1993) a respeito do conceito de espaço paradoxal como importante contribuição no enfoque de dar visibilidade a sujeitos pela geografia. Rose embasa sua teoria a concepção do “sujeito feminino” de Tereza de Laureti. Segundo Rose (*id.*), Laureti constata que os sujeitos vivem plurais relações de poder e assim constituem múltiplas identidades. Neste embasamento, Rose (*id.*) propõe a concepção de espaço paradoxal, no sentido de evidenciar que as pessoas possuem várias facetas identitárias que colocadas em um jogo de tensões frente aos outros sujeitos, institui plurilocalizações em um espaço que é multidimensional e multiescalar. Um mesmo sujeito pode estar relacionado ao espaço familiar onde suas relações de poder o coloca em posição periférica em determinado momento, por exemplo. Ao mesmo tempo em um grupo de adolescentes onde suas relações de poder o coloca em posição central. Estas múltiplas posicionalidades sempre estão variando dependendo das relações de tensões de forças e poderes variando através de atributos relacionados a raça, renda, gênero, etc. Procuramos representar na figura abaixo (figura 1) um modelo exemplo do espaço paradoxal dos adolescentes em conflito com a lei, conforme Rose (*id.*)

Nesse sentido, os meninos adolescentes em conflito com a lei e suas ações infracionais devem ser compreendidos a partir de espacialidades vivenciadas cotidianamente, compostas simultaneamente de fatores que envolvem múltiplas escalas de relações. Tais espacialidades compõem os diferentes níveis de vulnerabilidade desses adolescentes à conduta infracional.

Plurilocalização dos adolescentes em conflito com a lei nas múltiplas dimensões componentes do espaço paradoxal



Legendas



Fonte: GETE, 2008.

Figura 1

Palavras finais

O espaço enquanto elemento contribuinte da vulnerabilidade aos atos infracionais para os adolescentes em conflito com a lei que analisamos nesta pesquisa é um componente de suas singularidades. O espaço na perspectiva pós-estruturalista/desconstrutivista não assume caráter homogêneo, mas produz a diferença. É através da compreensão dos diferentes espaços vivenciados por estes adolescentes que poderemos trazer para o discurso geográfico suas experiências e suas ações na construção da realidade socioespacial. E na desconstrução do espaço, que novas possibilidades de sua interpretação surgirão com novas oportunidades e caminhos, abrindo um leque de possibilidades e desarticulando qualquer forma concreta metodológica construída num unitarismo centralizador.

Finalizamos assumindo um novo desafio que é de transformar conceitos e reinscreve-los afim de produzir novas configurações, conforme aponta Massey (2008). Assim esta autora ironiza dizendo que devemos criar novas coreografias, fugindo dos mesmo passos de danças combinatórios.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, C. A.; BORGES, B. I. **Uma nova abordagem para a leitura dos textos filosóficos: a desconstrução.** Retirado do endereço eletrônico: <http://www.propp.ufu.br/revistaeletronica/humanas2003/>, 2003.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural: O Estado da Arte.** IN: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. org. Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999 p.59-98.
- CORRÊA, R. L. **Espaço Urbano.** São Paulo: Ática, 1993.
- COSGROVE, D. E. **A geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas.** IN: CORREA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (Orgs). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004: 92 –123p.
- COUTO, L. F. **Feyerabend e a máxima do “Tudo Vale”; A necessidade de se adotar múltiplas possibilidades de metodologia na construção de teorias científicas.** IN: Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre: retirado do endereço eletrônico: <http://www.scielo.br> , 1999.
- FEFFERMANN, M. **Vidas Arriscadas: O cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico.** Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 352 p., 2006.
- FREITAG, B. **Teorias da cidade.** Campinas-SP: Papyrus Editora, 2006. 125-149p.
- GODOY, P. **Uma Reflexão Sobre a Produção do Espaço.** IN: Estudos Geográficos. Rio Claro: Unesp, 2004.
- GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia Social de Rua.** São Paulo-SP: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999.
- MASSEY, D. B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ROSE, G. **Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge.** Cambridge: Polity Press, 1993, 205 p.
- SANTOS, M. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996

SANTOS, M. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, J. M. da **CULTURA E TERRITORIALIDADES URBANAS**
Uma abordagem da pequena cidade. Retirado no endereço eletrônico : <http://www.revistas.uepg.br>,
2000.

SOUZA, M. L. de **A prisão e a Ágora: Reflexões em torno do planejamento e da Gestão das Cidades**.
Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 364-392).

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Setor de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento
de Serviço Social. **Apoio familiar aos adolescentes em conflito com a lei egressos do sistema
socioeducativo da região de Ponta Grossa – PR**. Ponta Grossa, 2007.